

## **A publicação dos *Diálogos de Amor* de Leão Hebreu no contexto romano da primeira metade do século XVI \***

*James Nelson Novoa*

Cátedra de Estudos Sefarditas “Alberto Benveniste”;  
Bolsheiro da Fundação para a Ciência e a Teologia (FCT)

A figura e a obra de Yehudah Abravanel (1460-?), pela sua transcendência na literatura europeia do Renascimento honraram tanto a sua pátria, Portugal, como a sua religião. Através dele e da sua obra, os *Diálogos de amor*, o ibérico e o judaico alcançaram uma inegável universalidade, entrando no Parnaso da literatura europeia. Pela sua vida, obra e pela sua difusão no século XVI, converteu-se numa figura paradigmática das relações culturais e literárias já existentes entre Portugal, Espanha e a península itálica, sendo pois, uma referência indiscutível no estudo da vida e da cultura dos judeus de Portugal. Como veremos, durante a sua estadia em terras italianas percorreu quase toda a península e a sua vida cruzou-se com os acontecimentos e com as personagens mais relevantes da primeira metade daquele século.

No texto, o património filosófico sefardita, marcado por séculos de pensamento judeu, muçulmano e cristão, abre-se às novas tendências do momento, apresentando umas teses tradicionais sobre problemas correntes na especulação medieval, como a eterni-

---

\* Tenho de agradecer a disponibilidade dos meus amigos Luís Pinto e Susana Bastos Mateus que editaram o meu texto. Agradeço também as sugestões do Professor Doutor Franco Bacchelli. De maneira semelhante preciso de reconhecer a ajuda do professor Doutor José Adriano Freitas de Carvalho pela sua contribuição ao meu trabalho. Reconheço igualmente a minha dívida à Fundação para a Ciência e a Tecnologia de Portugal da qual sou actualmente bolsheiro e o apoio institucional da Cátedra “Alberto Benveniste” de Estudos Sefarditas da Universidade de Lisboa que possibilitaram as investigações das quais esta contribuição é o fruto.

dade do mundo e da matéria e a legitimidade da alegoria com a roupagem linguística e estilística do neoplatonismo renascentista e do culto da *civile conversazione* em que o amor era o tema preponderante.<sup>1</sup> A sua obra foi lida, comentada, apreciada, vituperada e ridicularizada pelas figuras mais importantes do século XVI<sup>2</sup>. A recepção da sua obra naquele século e inclusivamente até aos nossos dias, coloca-o entre as figuras culturais mais importantes do período moderno. Os recentes trabalhos de estudiosos fazem finca-pé sobre o facto da sua obra ter pertencido ao ideário do Renascimento europeu.

### Vida e contextos

Quando Yehudah Abravanel partiu para o Reino de Nápoles, naquele que iria ser o seu terceiro e definitivo exílio em 1492, deixava atrás de si uma juventude passada na Península Ibérica, entre Portugal e Espanha. O filho de Isaac Abravanel, (1436-1508) o último grande exegeta da tradição ibérica, que se presume descendente de uma ampla cultura rabínica e humanista, que o momento mais feliz do judaísmo português podia oferecer.<sup>3</sup> Até que ponto a figura

<sup>1</sup> Para as origens dos ideais retóricos da *civile conversazione* desde Dante até ao Renascimento veja-se o livro de Francesco Tateo, *Per dire d'amore. Reimpiego della retorica antica da Dante agli Arcadi*, Torino, Edizioni Scientifiche Italiane, 1978.

<sup>2</sup> Para a recepção europeia dos *Diálogos de amor* no século XVI veja-se Hiram Peri (Heinz Pflaum) *Die Idee der Liebe Leone Ebreo Zwei Abhandlungen zur Geschichte der Philosophie in der Renaissance*, Tübingen, Verlag von J.C.B. Mohr, 1926; Andrés Soria Olmedo, *Los Dialoghi d'amore de León Hebreo: aspectos literarios y culturales*, Universidad de Granada, secretariado de publicaciones, 1984; Marcelino Menéndez Pelayo, *Historia de las ideas estéticas en España*, México, Editorial Porrúa, S.A., 1985.

<sup>3</sup> O estudo clássico sobre a vida e as obras de Isaac Abravanel é ainda o de Ben Zion Netanyahu, *Don Isaac Abravanel Statesman and Philosopher*, Fifth Edition, Revised and Updated, Cornell University Press, Ithaca and London, 1998. Recentemente apareceu a importante contribuição de Eric Lawee, *Isaac Abarbanel's Stance Toward Tradition. Tradition, Dissent and Dialogue*, State University of New York Press, 2003. Importante, sobretudo pelos documentos arquivísticos portugueses é o livro de Elias Lipiner, *Two Portuguese Exiles in Castile*, The Magnes Press, The Hebrew University, Jerusalén, 1997. Veja-se também Kayserling (1971) pp. 62-73. De referência são também os trabalhos de Eleazar Gutwirth,

cimeira de Isaac ficou no imaginário português pelos seus dotes intelectuais mas, sobretudo, pelas suas capacidades financeiras, sendo um valioso conselheiro de D. Afonso V (1432-1481, rei entre 1438 e 1481), pode-se verificar na pletora de alusões à sua figura presentes na literatura portuguesa dos séculos XV e XVI, desde o *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende (editio princeps 1516)* até às obras de Gil Vicente (1465?-1535?).<sup>4</sup> A sua estrela perdeu o brilho quando caiu em desgraça pela sua amizade com o Dom Fernando, o terceiro duque de Bragança (1430-1483), sendo implicado na conspiração contra D. João II (1455-1495, rei entre 1481 e 1495) em 1483, o que o obrigou a fugir para Castela levando consigo a sua família.<sup>5</sup> Isaac gozou da mesma fortuna em terras espanholas, ocupando-se das finanças dos Reis Católicos e do cardeal Pedro González de Mendoza (1428-1495), filho de Iñigo Lopez de Mendoza, o Marquês de Santillana (1398-1458) ainda que, tal como no caso português, os arquivos espanhóis apresentem um total manto de silêncio sobre as actividades do filho durante a sua estadia de dez anos, naquelas que eram as suas terras ancestrais, por proceder de uma antiga família espanhola. Podemos supor que, durante a sua permanência em terras castelhanas, Yehudah aprofundou o seu conhecimento do humanismo ibérico, seguindo deste modo as pisadas do seu pai,

“Don Ishaq Abravanel and Vernacular Humanism in Fifteenth Century Iberia”, in *Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance*, Tome LX, n.º3, pp. 641-671; Joaquim de Carvalho, “Uma epístola de Isaac Abarbanel”, in *Obra completa II, História da cultura 1922-1948*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, pp. 115-125; Herman Prins Salomon, “A carta de Dom Isaac Abravanel ao Conde de Faro”, in *Cadernos de estudos sefarditas*, N.º2, 2002, pp. 135-140; Cedric Cohen Skalli, “The dual humanism of Don Isaac Abravanel”, in *Leituras*, números 14-15, Primavera-Otono 2004, pp. 151-171.

<sup>4</sup> Para a figura de Isaac Abarbanel nas fontes literárias portuguesas do século XV e para um resumo da vida e obra de Leão Hebreu o leitor português tem o valioso contributo de Joaquim de Carvalho, “León Hebreo, filósofo. Para a História do Platonismo no Renascimento”, in *Obra completa. Filosofia e história da filosofia (1916-1934)*, vol. I, 2.ª.ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, pp. 149-297.

<sup>5</sup> Veja-se LIPINER (1997) p. 117; NETANYAHA (1998) pp. 30-31; Anselmo BRAACAMP FREIRE: “As conspirações no reinado de D. João II”, in *Arquivo Histórico Português*, vol. I n.º 11, novembro 1903, pp. 389-397; vol. I n.º 12, 1903, pp. 442-446; vol. II, 1904, pp. 27-33; 68-73; 228-231; 273-280; 344-348.

mesmo se, como no caso português, até agora os arquivos espanhóis oferecem apenas o maior silêncio, com respeito aos anos que aí viveu.

O édito de expulsão das terras espanholas, decretado pelos Reis católicos fez com que Isaac e a família se vissem novamente no caminho do exílio. Neste caso, aquela rota do exílio levou-os para o sul de Itália, mais especificamente para o Reino de Nápoles. A opção pelo reino de Nápoles no Outono de 1492, como lugar de refúgio, obedecia a uma certa lógica vivencial. Em Portugal pesava ainda sobre ele a sentença de morte decretada por D. João II. O Império Otomano era, desde a segunda metade do século XV, uma meta predilecta para os judeus ibéricos, mas que se alcançava apenas através de uma viagem fatigante e que implicava sempre, pelo menos, uma estadia em Itália. Ao chegar ao reino de Nápoles, desde 1443 sob a coroa de Aragão, que compreendia toda a Itália meridional até ao estreito de Messina, onde reinava o sucessor de Afonso o Magnânimo, (1416-1458, rei de Nápoles entre 1443 e 1458), Fernando I (1423? -1494, rei entre 1458 e 1494), conhecido pelo seu carácter liberal e sobretudo realista, o qual abriu as portas aos fugitivos ibéricos, o que significava, de certo modo, a continuidade do mundo ibérico em solo italiano. Não era, pois, a primeira vez que Isaac entrava em contacto com Itália. Nos anos setenta do século XV, os seus interesses económicos direccionavam-se directamente para o comércio de livros destinados provavelmente a estudantes portugueses na universidade de Siena, através de um banco florentino. Também serviu de intermediário para a aquisição de seda para membros da aristocracia através do dito banco.<sup>6</sup> Durante

<sup>6</sup> Existe uma factura de compra de 27 ducados venezianos, datada de 10 de Março, 1476 (estilo florentim, ou seja 1477) de livros de Direito através de *Fancesco e Bernardo Cambini compagni in Firenze*, do famoso banco Cambini de Florença, que logo foram mandados a *Gonsalvo Menendy* presumível estudante português na universidade de Siena. Os livros em questão foram comprados por *Ixaç Abravanello e Mastro Latone ebrei*. Archivio dell'ospedale degli Innocenti di Firenze, *Estranei*, 235, c. 60 r. Temos de agradecer ao nosso amigo, o professor Sergio Tognetti da universidade de Cagliari por nos ter comunicado este dado. Para o tema dos estudantes portugueses em Itália e suas relações com o banco Cambini,

esses mesmos anos manteve uma profusa relação epistolar com Yehiel de Pisa, um importante banqueiro judeu-toscano através do qual pediu privilégios para os judeus ao Papa Sisto IV (1414-1484) em 1476.<sup>7</sup>

Os primeiros detalhes realmente documentados da vida de Leão Hebreu datam desta primeira etapa de vida italiana em que, seguindo as pisadas do pai, se integra na vida do Reino de Nápoles, recebendo, junto com Isaac e com os membros da sua casa, os privilégios e direitos dos outros súbditos do reino.<sup>8</sup> Durante os seus anos na Península Italiana, Judas Abravanel aparece relacionado com algumas das figuras mais importantes do momento. Aparte da concepção dos direitos dos súbditos do Vice-reino de Nápoles, foi convidado para se estabelecer em Nápoles para servir o rei Frederico II (rei entre 1495 e 1501), foi isentado em 1520, junto com a sua família, de pagar a taxa que recaía sobre os judeus que ficaram em

sobretudo em Toscana veja-se o artigo de Virginia Rau, “Alguns estudantes e eruditos portugueses em Itália”, em *Do tempo e da história*, V, 1972, pp. 29-53. Os anos 1476-1480 demonstram uma importante actividade comercial da parte de Isaac Abravanel e dos seus sócios judeus Moisés Latam e Abraham Abiacar na compra da seda. Veja-se o livro do professor Tognetti, *Un'industria di lusso al servizio del grande commercio. Il mercato dei drappi serici e della seta nella Firenze del Quattrocento*, Firenze, Leo S. Olschki editore, 2002, pp. 136-137.

<sup>7</sup> Lawee 2003, p. 12.

<sup>8</sup> Os principais documentos a respeito da vida de Leão Hebreu foram recolhidos pelo estudioso alemão Carl Gephardt no seu estudo que acompanha a reimpressão da *editio princeps* dos *Diálogos de amor: Dialoghi d'Amore Hebraeische Gedichte Herausgegeben mit einer Darstellung des Lebens und des Werkes Leones Bibliographie Register zu den Dialoghi Uebertragend der Hebraeischen texte Regesten, Urkunden und Anmerkungen*, Heidelberg/Oxford/ Paris/ Amsterdam, Curis Societatis Spinozanae/Carl Winters Universitätsbuchhandlung/Oxford University Press/les Presses Universitaires/Menno Hertzberger, 1929. O estudo foi traduzido em língua espanhola e apareceu na *Revista de occidente* nos números: XII, n.º CXXXII, tomo XLIV, abril, mayo, junio, 1934, pp. 233-273, tomo XLV, julio, agosto, septiembre, 1934, pp. 1-46, n.º CXXXIII/CXXXIV, 1934, pp. 113-161. Alguns destes documentos e outros foram publicados na edição crítica dos *Diálogos de amor* proposta pelo estudioso Giacinto Manuppella: *Diálogos de amor*, vol. I, Texto italiano, notas, documentos. Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1983. Este volume foi acompanhado por outro que contém uma tradução portuguesa: vol. II, Texto fixado, anotado e traduzido por Giacinto Manuppella, Versão portuguesa.

Nápoles, quando foi convertido em Vice-reino submetido a Espanha sob Carlos V (1500-1558), em 1504 que decretou a expulsão dos judeus da Itália meridional em 1510, ocupou-se da saúde do importante prelado o cardeal Raffaele San Giorgi (1460-1521)<sup>9</sup>, lutou contra os intentos duma fraude veneziana de impor o sinal amarelo aos judeus no Vice-reino. Seguiu uma existência que implicou uma integração na realidade complexa e frequentemente cambiante da vida italiana das primeiras décadas do século XVI, marcada pela interferência francesa e espanhola na península, que levou Leão Hebreu a ter, pelo menos, estadias no sul de Itália, em Génova, Veneza e, possivelmente, como teremos ocasião de ver, nos últimos anos da sua vida, em Roma.<sup>10</sup>

Se, de alguma maneira, podemos supor que Leão Hebreu ganhou o direito de ser considerado italiano pela sua longa permanência na Península Italiana que durou muitos anos, pelos seus contactos com personagens de relevo, pela vida italiana nos começos do século XVI e por ter, efectivamente, gozado de direitos como súbdito num dos Reinos da Península, o Vice-reino de Nápoles, não seria um exagero insistir sobre o facto de que o homem e a obra estiveram profundamente ligados à realidade italiana do período.

Quando os *Diálogos de amor* saíram à luz pela primeira vez em

<sup>9</sup> Nascido em Savona, na Ligúria, foi feito cardeal em 1477 pelo Papa Sixto IV e foram-lhe atribuídas varias sedes apostólicas: Cuenca (1493), Viterbo (1498), Arezzo (1508), Savona (1508), Malaga (1518) e Pisa (1518), entre outras. Durante o papado de Júlio II (1503-1513) foi um destacado mecenas da literatura e arte. A sua estrela decaiu em 1517 quando foi acusado de ter participado na conspiração do cardeal Alfonso Petrucci (1491-1517) contra Leão X (1475-1521; papado 1513-1521) em 1517 e perdeu os seus privilégios.

<sup>10</sup> Para os principais acontecimentos da vida de Leão Hebreu ver os estudos já mencionados de GEBHARDT (1929) e MANUPPELLA (1983) o trabalho de ISAIA SONNE, “Intorno alla vita di Leone Ebreo,” in *Civiltà Moderna*, 1934, p. 5-35; “Un umanista sefardí en Nápoles. León Hebreo y sus Diálogos de amor: un hombre y un texto entre dos mundo” in *Actas de las jornadas de estudios sobre cultura y literatura españolas en Italia en el quinquentésimo aniversario de la muerte de Isabel la Católica no Romanisches seminar der Christian Albrechts-Universität zu Kiel/Centro de estudios sobre el renacimiento español*, Salamanca, 2005, pp. 101-118.

1535 no prelo do célebre impressor Antonio Blado, o editor de Siena, Mariano Lenzi, anunciou que Leão Hebreu já não pertencia a este mundo.<sup>11</sup> Na sua dedicatória à nobre dama sienense, Aurelia Petrucci (1511-1542),<sup>12</sup> Lenzi declarou que foi obra dele ter extraído a obra do autor que se encontrava tal como o autor, nas trevas.<sup>13</sup>

### O contexto romano da circulação da *editio princeps* dos Diálogos de amor

Mariano Lenzi fazia parte da comunidade sienense na *Urbe*, atraído, sem dúvida, em parte pela possibilidade de procurar fortuna na cidade eterna e por fugir duma situação complicada no pequeno estado que, a inícios do século XVI vivia entre lutas internas e ingerência das principais potências europeias.<sup>14</sup> Os dados seguros

<sup>11</sup> Sobre Blado e a sua actividade de impressor veja-se o artigo de Francesco Barberi no *Dizionario Biografico degli Italiani*, vol. 10, Roma, Istituto della enciclopedia italiana, 1968, pp. 753-757.

<sup>12</sup> Filha do ditador sienense Borghese Petrucci (1490-1524), que manteve o poder em Siena entre 1512 e 1514, neta do *Principe* de Siena, Pandolfo Petrucci (1425-1512), Aurelia Petrucci pertencia a duas das famílias mais importantes da cidade e viveu no centro das viragens da vida social e política sienense por ter como mãe Vittoria Todeschini Piccolomini, aparentada com a importante família Piccolomini. Sobre esta figura ver o meu artigo: “Aurelia Petrucci d’après quelques dédicaces entre 1530 et 1540”, *Bullettino senese di storia patria*, 2004, pp. 532-555.

<sup>13</sup> “*Così ho voluto più tosto con quel d’altri mostrarvi l’animo ch’io ho di satisfarvi, che prolungar, per la povertà mia, la satisfazione di tanto debito. Benché stimo (quando pur vi penso) far in un tempo due non piccioli guadagni: sciogliere parte di questo obbligo con voi, e obligarmi (se l’ombre obligar si possono) Maestro Leone. Ché avendo io questi sui divini Dialoghi tratti fuori de le tenebre in che essi stavano sepolti, e postoli quasi in chiara luce, e al nome di sì valorosa Donna (come voi siete) raccomandatili, credo certo ch’egli se ne debbia sommamente rallegrare, e di questo suo nuovo splendore e di così alta protezione molto restarmi obligato*”. *Dialoghi d’amore composti di Leone Hebreo Medico*, Stampata in Roma per Antonio Blado d’Assola. Del 1535, fol. I r.

<sup>14</sup> Para o contexto sócio-político sienense na primeira metade do século XVI, ver os artigos de F. Glenisson-Delannée, “Esprit de faction, sensibilité municipale et aspirations régionales à Sienne entre 1525 et 1559”, in *Quêtes d’une identité collective chez les italiens de la Renaissance*, Paris, Université de la Sorbonne Nouvelle, 1990, pp. 175-308; Judith Hook, “Siena and the Renaissance State”, in *Bullettino senese di storia patria*, 1981, pp. 107-122.

sobre a personagem são pouco claros mas parece que se estabeleceu em Roma nos anos 20 do século XVI.<sup>15</sup> Anos mais tarde, em 1542 aparece novamente em Siena onde participou numa representação teatral.<sup>16</sup> Sabemos que a autorização para a impressão da *princeps* dos *Diálogos de amor* foi concedida durante um período de dez anos, num breve do papa Paulo III (papado de 1534-1549) em Dezembro do 1534.<sup>17</sup> Juntamente com esta autorização, no *Archivio Segreto Vaticano* encontra-se uma carta, assinada pelo prelado e escritor sienense Claudio Tolomei (1492-1556), pedindo que Blosio Palladio (m. 1550), que foi secretário dos breves papais sob Clemente VII (papado de 1523-1534), Paulo III e Júlio III (papado de 1550-1555), fizesse todo o possível para permitir a publicação do livro ao seu *nipote*, que neste caso parece indicar sobrinho ou pelo menos um grau de parentesco.<sup>18</sup> A possibilidade de descobrir tal parentesco é quase impossível pela falta de documentação arquivística.<sup>19</sup>

Tolomei foi a figura incontornável da comunidade sienense na

<sup>15</sup> É a notícia fornecida pelo estudioso da família Lenzi, Giuseppe Lenzi Novelli na sua obra, *Storia di casa Lenzi*, Vol II, Siena 1997, pp. 280-286, publicação a cargo do autor. Agradeço a disponibilidade do Dr. Lenzi que me comunicou este dado.

<sup>16</sup> A notícia aparece retirada do livro de Curzio Mazzi, *La congrega dei Rozzi di Siena nel secolo 16*, con appendice di documenti bibliografia e illustrazioni concernenti quella e altre accademie e congreghe senesi, 2 vols, Firenze, successori Le Monnier, 1882, vol. 1, p. 262.

<sup>17</sup> O breve foi emitido no dia 5 de Dezembro do 1534. Foi publicado pela primeira vez por Shlomo Simonsohn, *The Apostolic See and the Jews. Documents 1522-1538*, Pontifical Institute of Mediaeval Studies, Toronto, 1990, doc. 1682, p. 1917. Naquele momento nos territórios da igreja imperava ainda a política editorial de Roma proposta no V Concílio de Latrão (1512-1517). Para o assunto das normas e da legislação em Roma no começo do século XVI, ver o artigo de Maria Grazia Blasio, “Privilegi e licenze di stampa a Roma fra Quattro e Cinquecento”, in *La Bibliofilia*, anno XC, n.1, 1988, pp. 147-159 e o livro de Christopher L.C.E. Witcombe, *Copyright in the Renaissance. Prints and the Privilegio in Sixteenth Century Venice and Rome*, Leiden/Boston, Brill, 2004, pp. 69-73.

<sup>18</sup> A carta aparece no meu artigo: “New Documents regarding the publication of Leone Ebreo’s *Dialoghi d’amore*”, a publicar brevemente em *Hispania Judaica*.

<sup>19</sup> Os registos de baptismo da terra de nascimento de Tolomei, Asciano e que se deviam encontrar no Archivio di Stato di Siena foram perdidos. Ver o livro de Luigi Sbaragli, *Claudio Tolomei. Umanista senese del Cinquecento. La vita e le opera*, con prefazione di Guido Mazzoni, Siena, Accademia per le arti e per le lettere, 1939, p. 3.

*Urbe* da primeira metade do século XVI, cidade em que vivia desde 1518.<sup>20</sup> Foi um dos principais actores no animado debate sobre a língua toscana, que tanto ocupou os escritores italianos ao longo do século XVI. Já em 1534, na sua obra política e ética dedicada a Clemente VII, a *Oratione de la pace*, o autor dedica uma boa parte do prólogo a justificar-se pelo uso da língua toscana, enquanto que as suas ideias linguísticas se veem demonstradas em concreto cinco anos mais tarde, em 1539, no seu *Versi e regole della nuova poesia toscana*. Ambos os livros foram impressos pelo mesmo impressor que foi responsável pela *editio princeps* dos *Diálogos de amor*.<sup>21</sup> Mais tarde, em 1555, as ideias linguísticas de Tolomei ficaram consagradas no prelo na sua obra *Il cesano della lingua toscana*.<sup>22</sup> Em conjunto com o seu primo, Lattanzio Tolomei (1487-1543), durante anos embaixador de Siena em Roma, representam a convivência da identidade cultural toscana com a vida académica romana.

Que Tolomei estivesse relacionado com Lenzi era já um facto conhecido. Existem, entre as centenas de cartas reproduzidas na edição das cartas, duas dirigidas a ele, do ano de 1543.<sup>23</sup> Era também um facto estabelecido que Tolomei tinha conhecido o texto de Leão Hebreu, pois numa carta do mesmo ano dirigida às autoridades

<sup>20</sup> A monografia principal sobre Tolomei é ainda o referido livro de Luigi Sbaragli.

<sup>21</sup> *Oratione de la pace di M. Claudio Tolomei*. Con gratia et prohibitione del Sommo Pontefice che nessuno possa stampare questa opera sotto la pena che in essa prohibitione si contiene, Composta da l’authore nel M.D. XXIX d’aprile e stampata in Roma da Antonio Blado Asolano nel M.D. XXXIII di marzo. *Versi e regole della nuova poesia toscana*, In Roma per Antonio Blado d’Asolo nel MCXXXIX del mese di Ottobre. Para a questão do debate sobre a língua literária em Itália ver o trabalho de MARIO POZZI, “Discussione linguistiche del Cinquecento,” in *Culture et Société en Italie du Moyen-Âge à la Renaissance, Hommage à André Rochon*, Paris, Université de la Sorbonne nouvelle, 1985, pp.

<sup>22</sup> Ver a edição crítica com um amplo estudo de Ornella Castellani Pollidori, Firenze, Leo S. Olschki editore, 1974.

<sup>23</sup> *Delle lettere di M. Claudio Tolomei, Libri VII, con nuova aggiunta, ristampati et con somma diligenza da molti errori corretti*. Venegia, Appresso Egidio Regazzola e Domenico Cavalcalupo compagni, MDLXXVIII, fols. 180 r-v; 196 r. Estão publicados também em MANUPPELLA (1983) pp. 468-469 e NELSON NOVOA (2006).

des de Siena, em que se ocupa da questão da língua toscana, cita o exemplo dos *Diálogos de amor* falando das deficiências do seu estilo.<sup>24</sup> Pelo menos uma estudiosa, Barbara Garvin, baseando-se na proximidade de Tolomei e Lenzi e, pelo facto que Tolomei tinha já recorrido ao Blado para a edição das suas obras, tinha até sugerido que Tolomei poderia ter intervindo na edição da obra de Leão Hebreu.<sup>25</sup>

Até onde terá ido a intervenção do secretário a favor do livro editado por Lenzi, não podemos saber. As cartas dirigidas a Palladio contidas no acervo arquivístico que lhe é dedicado, não incluem cartas de Claudio Tolomei e o registo das suas contas não fazem nenhuma alusão a dinheiro ou objectos recebidos por parte do prelado sienense.<sup>26</sup>

Palladio foi muito mais do que um simples secretário. Nascido em Sabina, já na sua juventude fora agraciado com a cidadania romana<sup>27</sup>. Na primeira metade do século XVI, foi uma das referências incontornáveis da cultura humanística em Roma e, um humanista de primeira ordem.<sup>28</sup> Foi o autor do poema, célebre nessa altura, *Suburbanum Augustini Chisi*, que fez o elogio da magnífica *villa* do importante banqueiro de origem sienense Agostino Chigi (1465-

<sup>24</sup> *Ibid.*, fol. 11 r.

<sup>25</sup> BARBARA GARVIN, “The Language of Leone Ebreo’s *Dialoghi d’amore*” in *Italia, Studi e ricerche sulla storia, la cultura e la letteratura degli ebrei d’Italia*, Vol. XIII-XV, 2001, pp. 184-192.

<sup>26</sup> O acervo arquivístico que tem as cartas que lhe são dirigidas, o registo das suas contas e outra documentação passou, depois da morte de Palladio para o orfanato de Santa Maria in Aquiro que, mais tarde passou para a Accademia dei Lincei: Biblioteca Corsini, Archivio di Santa Maria in Aquiro, vol. 8. *Lettere di interessi diversi di Mons. Blosio Palladio, Ricevute e quietanze a favor di Mons. Blosio Palladi dell’anno 1513 al 1568*. Accademia Nazionale dei Lincei, Roma.

<sup>27</sup> O seu verdadeiro nome era Biagio Pallai mas segundo o costume da Accademia romana, de forte influência latinizante e clássica à qual pertencia, mudou o nome. A bibliografia sobre Palladio é bastante abundante, alguns títulos são: ARISTIDE LESEN, *Ricerche su Blosio Palladio*, Industria Tipografica Romana, Roma, 1926; GUIDO BATTELLI, “Un umanista romana del Cinquecento Blosio Palladio”, in *La Bibliofilia*, 43, 1941, pp. 16-23.

<sup>28</sup> Para o ambiente cultural em Roma e a academia romana nos inícios do século XVI veja-se o livro de GENNARO SAVARESE, *La cultura a Roma tra umanesimo ed ermetismo (1480-1540)*, Roma, De Rubéis, 1993.

-1520), publicado em Roma em 1512, que saiu no prelo do impressor de obras humanísticas, Giacomo Mazzochi.<sup>29</sup> É talvez melhor conhecido como editor da célebre recolha de 400 poemas de membros da *Accademia Romana*, apresentados ao humanista luxemburguês Hans Goritz, na festividade de Santa Ana, a *Coryciana*, que foi publicada em Roma em 1524 pela sociedade de impressores, então activa em Roma, Ludovico degli Arrighi (1475-1527) e Lautizio Perugino.<sup>30</sup>

Um dos que contribuíram para a antologia de poemas foi o humanista, mestre do Registo das Bulas e secretário apostólico dos papas Leão X e Clemente VII, Angelo Colocci, impulsionador importantíssimo da cultura ibérica em Roma, possuidor da importante recolha de lírica galaico-portuguesa medieval, o chamado *Cancioneiro Colocci-Brancuti*, agora presente na Biblioteca Nacional de Lisboa, mas até 1924 presente na Biblioteca do Vaticano.<sup>31</sup>

Era neste ambiente cultural que se encontrava então o embaixador de Portugal em Roma, D. Miguel da Silva (1480-1556; embaixador em Roma de 1515 até 1525) e no qual este participou de maneira activa.<sup>32</sup> O prelado português chegou à *Urbe* encarregado

<sup>29</sup> Activo em Roma entre 1505 e 1524 foi o impressor de quase 200 obras.

<sup>30</sup> *Coryciana*, Impressum Romae: apud Ludovicum Vicentinum et Lautitium Perusinum, mense Iulio 1524. Uma edição crítica recente foi editada pelo estudioso JOSEF IJSEKIJN, *Coryciana. Critice edidit, carminibus extravagantibus auxit, praefatione et anotationibus instruit*, Romae, in aedibus Herder, 1997. A recolha de poemas foi apresentada ao cenáculo literário do humanista luxemburguês Giano Goritz em 1524. Ver “Blosio Palladio e il cenacolo letterario di Giano Goritz”, in LESEN (1926), pp. 3-10; JOSÉ RUYSSCHAERT, “Les péripéties inconnues de l’édition des *Coryciana* de 1524”, in *Atti del convegno di studi su Angelo Colocci*, Jesi, 13-14 settembre 1969, Jesi, Amministrazione comunale di Jesi, 1972, pp. 45-60.

<sup>31</sup> A cota actual do manuscrito na Biblioteca Nacional de Lisboa é: COD. 109991. Para o tema de Angelo Colocci e a cultura ibérica, ver o contributo fundamental de VITTORIO FANELLI, “Note sulla diffusione della cultura iberica a Roma”, in *Ricerche su Angelo Colocci e sulla Roma Cinquecentesca*, Introduzione e note addizionali di José Ruysschaert, Indici di Gianni Ballistreri, Biblioteca Apostolica Vaticana, Città del Vaticano, 1979, pp. 154-167. Colocci contribui pelo menos com um poema a *Coryciana*. Ver *Coryciana* (1997), p. 396.

<sup>32</sup> Para a estadia de D. Miguel da Silva em Roma ver o valiosíssimo contributo de SYLVIE DESWARTE-ROSA, “La Rome de D. Miguel da Silva (1515-1525)”, in *O humanismo português 1500-1600. Primeiro Simpósio Nacional 21-25 de Outubro de 1985*, Lisboa, Publicações

da missão diplomática após uma formação em Siena, lugar que Cláudio Tolomei chamaria anos depois, em 1545, a segunda pátria do prelado português, então investido da dignidade cardinalícia pelo Papa Paulo III.<sup>33</sup> O embaixador português conheceu e frequentou a companhia das figuras mais insignes da Roma culta durante a sua estadia, uma Roma que evoca constantemente nos seus escritos e uma Roma que, por seu turno, é evocada nas numerosas obras dedicadas a D. Miguel da Silva nos anos 20 do século XVI.<sup>34</sup>

Anos mais tarde, este ambiente romano foi evocado por Francisco de Holanda (1517-1584), que imortalizou a cidade, muito mudada depois do ano decisivo de 1527, que conheceu durante a sua estadia em Roma entre 1538 e 1540. Algumas personagens-chave da Roma leonina e clementina, como Blosio Palladio e Lattanzio Tolomei, aparecem como interlocutores no seu *Da Pintura Antigua* (1548). Sylvie Deswarte-Rosa tem sugerido que foi o próprio D. Miguel da Silva quem, anos depois teria apresentado a sua Roma, imbuída de reminiscências e evocações da *Urbe* nos anos 20, ao jovem artista português.<sup>35</sup>

As décadas de 20 até 40 do século XVI foram fundamentais para a cultura ibérica, onde se tinha já desenvolvido uma tradição humanística própria e a cultura do Renascimento italiano. A Roma daqueles anos era, sem exagero, o centro do mundo e, neste caso, o lugar de confluência da cultura académica propriamente romana, herdeira da vida intelectual dos finais do século XV e de diversas tendências novas que surgiram. De um mundo dominado pelo culto da cultura clássica e pelo latim, assistimos ao crescimento do prestígio da expressão em língua italiana, o que, tivemos ocasião de ver,

do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, 1988, pp. 177-307 e o seu livro, *Il "Perfetto Cortegiano" D. Miguel da Silva*, Roma, Bulzoni, 1989.

<sup>33</sup> TOLOMEI, *Lettere*, libro sette, fol. 107 v-108 r.

<sup>34</sup> DESWARTE-ROSA (1988).

<sup>35</sup> DESWARTE-ROSA (1988).

provocou grandes debates entre as figuras cimeiras da intelectualidade italiana daqueles anos.

A aparição da *editio princeps* do texto de Leão Hebreu surge no meio daquele momento de transição. Encontra-se na fronteira do ocaso do mundo antes do saque de Roma ligado à cultura académica e aquele novo, em que o uso da língua itálica era já moeda comum, ainda que não haja unanimidade sobre como era aquela língua de expressão literária.<sup>36</sup>

### A aparição da edição parcial dos Diálogos

Alguns dias após o breve de autorização a Mariano Lenzi, o segundo secretário dos breves, Fabio Vigil (falecido em 1553) fez outro dirigido a *Leonardus Marsus* para a edição da sua obra *de amore humano et divino*.<sup>37</sup> Trata-se, nada menos que de uma edição muito rara do segundo dos *Diálogos de amor*, conhecido pelos estudiosos da obra do autor sefardita apenas no século XX.<sup>38</sup>

Fabio Vigil foi, além dum colega de Palladio no ofício de secretário dos breves, um humanista que por sua vez participou no oferecimento de poemas para a *Coryciana* e que tinha feito estudos de grego e hebraico.<sup>39</sup> Um trabalho recente fala inclusivamente da sua participação directa no trabalho da fixação dos poemas da *Coryciana*.<sup>40</sup> Como Palladio foi pois, uma figura de cimeira do ambiente humanístico em Roma na primeira metade do século XVI.

Ao contrário de Mariano Lenzi, Leonardo Marso não é uma

<sup>36</sup> Para a questão da passagem do latim a língua italiana veja-se a contribuição de CARLO DIONISOTTI, *Gli umanisti e il volgare fra Quattro e Cinquecento*, Firenze, 1968.

<sup>37</sup> O breve, emitido no dia 17 de Dezembro 1534, foi publicado no nosso artigo já citado.

<sup>38</sup> Em Itália há apenas três bibliotecas, a Biblioteca Comunale dell'Archiginnasio de Bolonha, a Biblioteca Nacional de Roma e a Biblioteca Comunale degli Intronati de Siena.

<sup>39</sup> Sobre Vigil ver o estudo de M. H. LAURENT, *Fabio Vigil et les bibliothèques de Bologne au début du XVIème siècle d'après le ms. Barb. Lat. 3185*, Città del Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana, 1943.

<sup>40</sup> RUYSSCHAERT (1972).

figura completamente desconhecida. Oriundo da terra de Avezzano nos Abruzos foi o autor de três composições em língua latina que foram publicadas no século XVI. Uma, o *Oratio et eiusdem panegyris ad Caesarem et praefatio in Questiones Tusculanae* é um poema panegírico que saiu no prelo de Valerio Aloisio em 1538 e é dedicado a Carlos V.<sup>41</sup> Outro, o poema humanístico de inspiração clássica *Sylvula cui titulis Carraffiana*, saiu no mesmo ano e no mesmo prelo, dedicado ao cardeal Pedro Caraffa (1476-1559) um dos fundadores da ordem dos Teatinos, que depois ascenderia ao trono de São Pedro como Paulo IV em 1555 e evoca a memória do seu parente, o conde Andrea Caraffa, morto em 1526.<sup>42</sup> Outro, a *Oratio habita in aede divi Eustachii in festo S. Lucae* foi publicado por António Blado em 1542.<sup>43</sup> Dedicada a Paulo III, trata-se duma oração presumivelmente proferida por ele como membro da academia de São Eustáquio, ligada à igreja e *rione*<sup>44</sup> do mesmo nome, por sua vez vinculada à *Sapienza*, a universidade de Roma. Sabemos que na festa de São Lucas, 18 de Outubro, uma oração inaugural para o curso académico costumava a ser proferida.<sup>45</sup> Parece que o próprio Marso, na qualidade de professor de retórica foi quem, naquele momento na *Sapienza* que pertencia à Academia de São Eustáquio, proferiu uma destas orações, que depois consagrou no prelo do impressor mantovano.<sup>46</sup>

<sup>41</sup> *Oratio et eiusdem panegyris ad Caesarem et praefatio in Questiones Tusculanae*, Romae, apud Valerium Aloisiumque fratres, 1538.

<sup>42</sup> *Leonardi Marsi Sylvula cui titulis Carraffiana*, Romae, apud Valerium Aloisiumque fratres, 1538.

<sup>43</sup> *Oratio habita in aede divi Eustachii in festo S. Lucae*, Romae apud Antonium Bladum Asulanum, M.D. XLIII.

<sup>44</sup> Divisão administrativa romana que se assemelha à freguesia.

<sup>45</sup> *Lettera dell'Abate Gaetano Marini al chiarissimo Monsignor Giuseppe Muti Papazurri già Casali nella quale s'illustra il ruolo de' professore della 'archiginnasio romano per l'anno MDXIV*. In Roma MDCCXCVII, presso Michele Puccinelli a Tor Sanguigna, col permesso de' Superiori, p. 8.

<sup>46</sup> O nome de *D. Leonardus Marsus* aparece no registo dos professores na *Sapienza* no ano de 1542: *I maestri della Sapienza di Roma dal 1514 al 1787: I rotuli e altre fonti*, a cura di Emanuele Conte, Roma, Istituto storico italiano per il Medio evo, 1991, p. 14.

Pelas suas obras, Marso coloca-se no mesmo ambiente académico romano em que circulou Lenzi. Nos anos 30 aparece, inclusivamente, também nos registos de professores da universidade de Siena, apesar de os mesmos documentos declararem que esteve ausente vários anos da cidade.<sup>47</sup> A sua edição parcial foi dedicada ao prelado também originário de Abruzos, Bennardino Silverio de Piccolomini, falecido em 1552, bispo primeiro da Sé de Teramo e depois de Sorrento. O prelado ter-lhe-ia encarregue uma tradução em latim da totalidade da obra de Leão Hebreu, que teria originalmente incluído quatro diálogos.<sup>48</sup> Ao mesmo tempo Marso fala de uma obra, as *Allegorie*, que teria dedicado à poetisa de origem romana Vittoria Colonna, (1490-1547) figura importantíssima para a compreensão do mundo espiritual e das letras do século XVI.<sup>49</sup> O humanista mostra-se pois, em sintonia quer com a cultura académica e humanística, quer com a nova cultura da língua literária italiana. Temos de supor pois, que o encargo de parte do prelado abruzo, como a sua aceitação e interesse pela obra de Leão Hebreu, inscreviam-se no mesmo marco cultural do que a edição de Lenzi.

### A tradição manuscrita e a possível presença de Leão Hebreu em Roma

O estado actual da investigação revela a existência de cinco testemunhos na tradição manuscrita dos *Diálogos de amor*. Os trabalhos mais recentes parecem indicar que a obra foi escrita em italiano mas que na sua versão mais primitiva a obra mostrava a forte influência de elementos ibéricos, latinismos típicos da prosa filosófica dos

<sup>47</sup> Os registos dos anos de 1531-1533 declaram que Lenzi foi professor “*in humanità*” mas ausente da cidade em 1533. Aparece novamente na mesma qualidade no ano de 1535. As notícias aparecem no livro de GIOVANNI MINACCI e LEO KOSUTA *Lo studio di Siena nei secoli XIV-XVI, Documenti e notizie biografiche*, Milano, Giuffrè editore, 1989, pp. 399; 401 e 404.

<sup>48</sup> Apresento a dedicatória no meu artigo já citado.

<sup>49</sup> *Ibid.*



começos do século XVI e de elementos linguísticos identificados com a língua da Itália meridional.<sup>50</sup>

Um dos testemunhos da tradição manuscrita, o ms. Harley 5423 da British Library, foi copiado, sabemos, do célebre amanuense e impressor Ludovico degli Arrighi,<sup>51</sup> que foi, tivemos ocasião de ver, responsável pela publicação da edição da *Coryciana* preparada para o prelo por Palladio. A sua data de composição tem sido estabelecida entre Junho de 1524 e Maio de 1527.<sup>52</sup> Copiado em pergaminho, o manuscrito foi, pelo seu suporte material e pela identidade do seu copista, um dos mais prestigiosos amanuenses activos na capital no período prévio ao saque de Roma, evidentemente destinado a um possuidor duma certa importância.<sup>53</sup> A existência deste testemunho situa já a recepção da obra no ambiente culto da *Urbe* dos anos 20, um ambiente em que circulavam personagens como Blosio Palladio, Angelo Colocci e Claudio e Lattanzio Tolomei.

O testemunho mais próximo à *princeps* pela datação da sua composição, poderia ter sido copiado entre um período compreendido entre 1524 e 1536.<sup>54</sup> Trata-se do ms. Barberiniano Latino 3743, da Biblioteca Apostólica Vaticana e quer pela datação, quer pelo nível de toscanização reflectido no texto mais próximo ao texto saído no prelo de Blado.<sup>55</sup> Apresenta também, curiosamente, umas anotações

<sup>50</sup> O tema da língua original em que foram compostos os *Diálogos de amor* ainda inspira um vivo debate entre os estudiosos alguns dos quais sugerem o italiano, o espanhol, o latim, o hebraico e inclusivamente, o português. Neste trabalho prescindimos da abordagem da questão. Sobre o problema da tradição manuscrita ver o estudo magistral do estudioso CARLO DIONISOTTI: “Appunti su Leone Ebreo”, in *Italia medioevale e umanistica*, 2 (1959), pp. 425-428; GARVIN (2001), NELSON NOVOA (2005).

<sup>51</sup> Sobre Arrighi amanuense deste manuscrito ver o artigo de VERA LAW, “Two More Arrighi Manuscripts Discovered”, in *The Book Collector*, 27, 3, 1978, pp. 370-379. Sobre este personagem ver o artigo de EMANUELE CASAMASSIMA, “Ludovico degli Arrighi detto Vicentino copista dell’*Itinerario* del Varthena”, in *La Bibliofilia*, Anno LXIV, 1962, pp. 117-162.

<sup>52</sup> *Ibid.*, p. 372.

<sup>53</sup> Sobre este manuscrito ver o estudo magistral do estudioso CARLO DIONISOTTI, já citado.

<sup>54</sup> São as datas fixadas pela Prof. Garvin (2001), p. 196.

<sup>55</sup> *Ibid.*

marginais em língua hebraica numa mão, já não sefardita, mas italiana. Às vezes recolhem citações bíblicas no texto dos *Diálogos de amor*, outras vezes apresentam apenas palavras hebraicas traduzidas do texto italiano e ainda parecem conter alusões a possíveis fontes midráshicas empregadas pelo autor sefardita da obra. Estas notas marginais estão todas escritas no estilo cursivo típico dos judeus italianos.<sup>56</sup> Isto parece demonstrar que, além de passar pelas mãos de um copista e editor que impôs esta marca toscanizante sobre o texto, passou por um judeu italiano que evidentemente viu por detrás do manto renascentista, o fundo judaico do texto.

Mas não temos a constatação da existência da tradição manuscrita apenas por meio dos testemunhos sobrevividos até nós. Sabemos, nada menos, que por parte duma fonte tão insigne como Baldesar Castiglione (1478-1529), o autor do *Libro del Cortigiano* (*editio princeps* 1528), que em 1528 circulavam manuscritos dos *libri di Maestro Lione* quando, desde Espanha, onde foi embaixador, pediu estes textos juntamente com outros que se ocupavam de temas linguísticos.<sup>57</sup> Os problemas ligados à língua literária do século XVI eram preocupações que ocupavam a atenção de Castiglione e da sua obra. De facto a versão final do *Cortigiano*, foi o resultado dum trabalho de anos para conseguir a fixação do texto de acordo com os esquemas da correcta prosa toscana.<sup>58</sup> É provável que, para além do seu interesse pelo conteúdo da obra, Castiglione de alguma maneira se tenha interessado pela desenvoltura linguística dos *Diálogos de amor*.

<sup>56</sup> Agradeço a ajuda do Professor Menachem Schmeltzer do Jewish Theological Seminary de Nova Iorque e de Brian Ogren da Universidade de Jerusalém, por terem revisto tais notas e de as terem transcrito para mim.

<sup>57</sup> Numa carta escrita a partir de Espanha, este pede cópias dos manuscritos juntamente com obras de GIAN GIORGIO TRISSINO (1478-1550) e PIETRO BEMBO (1470-1547). Ver GARVIN (2001), p. 193.

<sup>58</sup> Para as redacções do *Cortigiano* ver o artigo de ANTONIO STAÜBLE: “Principe e cortigiano dalla seconda alla terza redazione del *Cortegiano: criteri e ragioni di una riscrittura* (IV, IV-XLV/III)” in *Bibliothèque d’Humanisme et Renaissance*, Tome LXI, 1999, pp. 641-668.

Leão Hebreu deixa de existir nas fontes arquivísticas de maneira segura depois de Maio de 1521. Em 1535 Mariano Lenzi declara que já não pertence a este mundo. Onde poderia ele ter passado os anos depois da sua última aparição em Nápoles? Uma fonte literária, a segunda tradução dos *Diálogos de Amor* em língua espanhol que foi publicada, a do literato aragonês Carlos Montesa (falecido em 1604), filho de Hernando Montesa, que residiu em Roma durante a estadia deste, que formou parte do corpo diplomático espanhol sob o embaixador Diego Hurtado de Mendoza (1503-1575; embaixador de 1547 até 1555), durante o pontificado de Júlio III. No prólogo desta obra, publicada em Zaragoza, em 1582 fala da presença dele em Roma, onde os pontífices “...siempre hizieron mucha merced porque residiesse en Roma y pudiesen gozar de su buena doctrina y dulce conversación”.<sup>59</sup>

Uma colecção de poemas, compostos por pessoas relacionadas com a *Accademia Romana*, a maior parte em latim, com um em grego e outro em hebraico, dedicados ao capitão romano, Marc’Antonio Colonna (1478-1522), falecido no cerco de Milão em 1522, saiu impressa em Roma em 1522 no prelo de Giacomo Mazzochi, o impressor do *Suburbanum* de Blosio Palladio.<sup>60</sup> A composição em língua hebraica está atribuída a um tal *Leonis Judei*.

O importante recenseamento da cidade de Roma, a *Descriptio Urbis*, realizado entre Dezembro de 1526 e Janeiro de 1527, recolhe a menção de um *Lion ebreo* no *rione* de Regule.<sup>61</sup> No mesmo documento, um *Leo hebreu* e um *Leo doctor hebreus* aparecem no *rione*

<sup>59</sup> *Philographía universal del todo el mundo, de los Diálogos de León Hebreo, Traduzida de Italiano en Español, corregida, y añadida por Micer Carlos Montesa, Ciudadano de la insigne Ciudad de Çaragoça*, En Çaragoça, en casa de Lorenço y Diego de Robles Hermanos, 1584, fol. 2v do prólogo.

<sup>60</sup> *Marcum Antonium Columnam*, Impressum Romae in aedibus Iacobi Mazzochii Bibliopolae Romanae Achademiae Kalendas. Octobris 1522.

<sup>61</sup> “*Descriptio urbis* o censimento della popolazione di Roma avanti il sacco borbonico”, in D. GNOLI, *Archivio della società romana di storia patria*, vol. 17, p. 478.

de Regio S. Angeli, o qual era tradicionalmente habitado pelos judeus de Roma.<sup>62</sup>

Uma carta, datada de 1533, recentemente encontrada, fala de um médico que vive em Roma chamado *Leoni Hebrejo* a quem se pede intervenção em matéria amorosa.<sup>63</sup>

Pode ser que a estadia de Leão Hebreu na *Urbe* pertença ao reino da bela ficção. Até agora nenhum documento arquivístico nos pode permitir semelhante afirmação. Isto não quer dizer que, como vimos, os *Diálogos de amor* tenham coincidido, de alguma maneira, com personagens que se situavam na encruzilhada de caminhos entre a cultura humanística e académica romana dos anos 20, que ainda respirava o ar feliz do período leonino e da cultura ibérica no sentido mais abrangente presente na capital naqueles anos e a nova cultura italiana que começava a florescer.

\* \* \*

Até que ponto os *Diálogos de amor* são, de alguma maneira, um reflexo de tal encontro cultural é uma questão que ainda ocupa os estudiosos da obra de Leão Hebreu. Trata-se duma questão à parte, de que não nos ocuparemos aqui. O certo é que a obra, quer na tradição manuscrita, quer na *princeps* de Mariano Lenzi, quer na edição de Leonardo Marsi, foi recebida no seio dum ambiente cultural ligado à cultura académica que tinha um dos seus centros mais importantes em Roma e no novo impulso cultural transmitido pelas letras escritas na língua italiana, cujo modelo se encontrava num momento de fixação.

<sup>62</sup> *Ibid.*, p. 497. Para a presença judaica em Roma nos finais do século XV e começos do século XVI ver o artigo de ANNA ESPOSITO, “Gli ebrei romani alla fine del medioevo”, in *Un'altra Roma. Minoranze nazionali e comunità ebraiche tra Medioevo e Rinascimento*, Roma, Il Calamo, 1995, pp. 137-237.

<sup>63</sup> Trata-se duma carta escrita por um médico Jacopo Tiburzio (Giacomo Tiburzi da Pergola) e citada no trabalho de Ricardo Scrivano no seu artigo “Platonismo, ebraismo e Caballa nel Rinascimento: LEONE EBREO”, in *Il modello e l'esecuzione, Studi rinascimentali e manieristici*, Nápoles: Liguori, 1993, pp. 122-123.

É também um momento de frequência deste mundo por parte de intelectuais procedentes da Península Ibérica, entre os quais portugueses que surgem entre as figuras mais relevantes do ideário nacional. Este momento de convergência foi vivido por estas personagens como uma confluência e colaboração comum. O escritor Leão Hebreu e os seus *Diálogos de amor* participam em tal confluência através da apropriação da sua obra pelo ambiente intelectual dos começos do século XVI. Neste sentido podemos considerá-lo uma figura paradigmática das relações luso-italicas ou ibero-italicas, no sentido mais amplo, porque nele e na sua obra coexistem a cultura sefardita, a cultura ibérica, o humanismo dos finais do século XV, abrangendo também, o novo mundo cultural, no qual os *Diálogos de amor* conseguiram entrar como uma obra-prima.

## Parte II

### Imagens e representações